

O CINEMA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES MÚLTIPLAS¹

Rejane Zanini²
Giliane Bernardi³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o uso do cinema na escola como um encontro possível com a arte, não como ferramenta metodológica, mas como um meio de reconhecimento de si e do outro. Entende-se que esse momento poderá ser o único em que os alunos poderão ter contato com a arte cinematográfica e que é possível que os professores de quaisquer áreas o promovam. Assim, será apresentado breve percurso histórico do cinema no mundo, algumas maneiras como é identificado, o uso do cinema na educação, diante de um novo perfil de aluno que se apresenta e o cinema na escola, com a apresentação de projetos aplicados em uma perspectiva diferenciada em Barcelona, na Espanha e no Rio de Janeiro, Brasil. Também será apresentado o Projeto Cinema na Escola: processo e produto, desenvolvido em Santa Maria, RS, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, que visa à análise de filmes e da linguagem cinematográfica com fins específicos e à produção de curtas metragens.

Palavras-chave: cinema; educação; anos finais

ABSTRACT

The following research aims to posit the use of cinema in school as a possible gather with arts, not as a methodological tool, but as a way of recognizing the self in the other. It is understood that this moment can be the only one in which students will have contact with cinema art, being possible for teachers in any areas to promote. It will be presented a short historical path of cinema in the world, some ways in which it is identified, the use of cinema in education, through a new profile of student and cinema in school; showing projects applied in a different perspective in Barcelona, Spain; and

¹ Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

² Mestre em Literatura, Especialista em Tradução Literária, Especialista em Gestão do Trabalho Pedagógico, Supervisão e Orientação Escolar. Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Professor Orientador, Doutor, Universidade Federal de Santa Maria.

in Rio de Janeiro, Brasil. It will also be presented the Projeto Cinema Escola: a process and a product developed in Santa Maria, in the state of Rio Grande do Sul, in the last years of Elementary School, aiming at analyzing movies and cinema language with specific purposes and the production of short films.

Keywords: cinema; education; last years.

1. INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido na sociedade em geral sobre o papel do professor e o uso das tecnologias ou mídias multi-interativas na escola. Exige-se cada vez mais conhecimento e habilidades desses profissionais no sentido de se promover uma educação que venha ao encontro das necessidades de estudantes que têm acesso a quase toda forma de conhecimento via rede mundial de computadores, a *internet*, e que já chegam à escola alfabetizados digitalmente. Propõe-se, assim, a possibilidade de um fazer diferenciado, por meio de uma pedagogia que, além da palavra e do texto, preconize em sua prática a inserção da imagem, não só a fotográfica, mas da imagem em movimento, em uma perspectiva em que o filme é visto e analisado como um texto.

Entende-se ser a escola um lugar de um possível encontro estético, talvez a única oportunidade que o aluno terá durante sua vida para isso (BERGALA, 2007). Segundo Fresquet (2011, p.20), uma das iniciativas imprescindíveis “que os professores devem assumir no ambiente escolar” é a organização de momentos em que esse encontro possa ser vivido, caso contrário, os profissionais de educação “estarão faltando com seu compromisso com a educação do olhar, cada vez mais necessária nas sociedades imagéticas”.

As imagens transmitidas e visualizadas pela lente em mãos de uma terceira pessoa por meio de filmes permitem que se faça uma viagem a um mundo novo, desconhecido, exterior. Por ele, pode-se ir a qualquer lugar do mundo, visitar as diferentes linguagens, as mais diversas culturas. Isso faz com que o aluno encontre-se com ‘o outro’, um encontro que pode fazê-lo entender esse outro e respeitá-lo, em suas diferenças. Azevedo e Teixeira (2011) apontam que o encontro com o cinema na escola, a partir da hipótese proposta por Bergala, causa estranheza ao romper “com a cultura escolar instituída” pela didatização e instrumentalização do cinema como

recurso metodológico. De outra forma, “o cinema pensado como alteridade interroga o já visto, remove o instituído, desloca os olhares, inventa ideias, possibilidades. Outros enredos. Novas imagens. Luminosidades outras” (AZEVEDO e TEIXEIRA, 2011, p.14).

Pergunta-se, então: o encontro com a arte cinematográfica é possível no ambiente educacional? Como esse encontro pode ser promovido e qual a sua relevância? Que caminhos são possíveis para essa inserção? Este artigo tem como objetivo, portanto, discutir algumas questões relacionadas à possibilidade de um encontro cinema/educação. Pretende-se tratar, ainda, sobre a importância do uso de cinema em sala de aula no Ensino Fundamental em uma proposta não pedagogizante ou didatizante. Como objetivos específicos, propõe-se apresentar a importância do cinema para a educação, com a exposição do projeto “Cinema na escola: processo e produto”, seu desenvolvimento e aplicação, assim como de algumas experiências correlatas e apontar a possibilidade de desenvolver temas transversais a partir do cinema.

Este artigo será composto pelas seguintes partes: um breve histórico do cinema desde sua criação; um percurso da arte cinematográfica pelo ensino, a possibilidade de uma pedagogia diferenciada, pela imagem, e a apresentação do projeto “Cinema na Escola: processo e produto”.

2. PERCURSO HISTÓRICO E ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A ARTE CINEMATOGRAFICA

Para se compreender melhor a relação do cinema com a escola, faz-se necessário olhar para um período da história ainda recente, fim do século XIX, quando surge a primeira projeção de filmes de que se tem conhecimento. A síntese será feita a partir do livro de Rosália Duarte, *A Pedagogia do Cinema* (2009). Aconteceu em Paris, em dezembro de 1895, quando os primeiros inventores do cinematógrafo, os irmãos Lumière, projetaram cenas curtas do cotidiano, filmes com cerca de cinquenta segundos cada, a trinta e três espectadores. Eram feitos registros do cotidiano, “de paisagens, hábitos e costumes das civilizações distantes, geográfica e culturalmente, umas das outras” (DUARTE, 2009, p.22). Esses ‘minutos’ mostram-se hoje de extrema relevância, visto que tinham como objetivo retratar a sociedade da época.

A partir de então, muitas máquinas de reprodução de imagens em movimento foram inventadas e começaram a ser usadas na documentação de sociedades e culturas diversas, em todas as partes do mundo, como Rússia, Portugal, Brasil, entre outros locais. No início do séc. XX, o cinema toma novos rumos com George Méliès, que acidentalmente descobre ser possível fazer ‘mágica’ com as películas. Méliès escreveu, filmou, dirigiu, editou e distribuiu seus mais de quinhentos filmes de diferentes gêneros (DUARTE, 2009).

No Brasil, o cinematógrafo chegou ao final do séc. XIX e, no início do séc. XX, curtas metragens foram produzidos. Como marcos importantes de seu percurso, pode-se citar o ciclo mineiro, com Humberto Mauro assinando seu primeiro longa no final da década de 1920. Em 1937, Getúlio Vargas criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo para incentivar a produção e exibição de produções nacionais e valorizar a cultura brasileira. Em 1950, com a criação da Vera Cruz, surge o ciclo paulista de cinema, em busca de aprimoramento da qualidade técnica das produções, que dura apenas quatro anos.

O cinema moderno brasileiro surgiu a partir dos filmes “Rio 40 graus” e “Vidas Secas”, influenciado pelo neorrealismo italiano e pela *Nouvelle Vague*. Entre o final dos anos 50 e início dos 70 surge o Cinema Novo e o Cinema Marginal, considerado por Xavier (2001) o período mais denso em relação à estética e intelecto do cinema nacional, em um movimento plural de estilos e ideias em relação a elementos, como baixos orçamentos e renovação da linguagem em oposição ao cinema industrial e clássico (DUARTE, 2009). A partir daí, houve um momento de estabilização da cinematografia brasileira, até 1990, quando a produção chega a quase zero. Com a criação de leis de incentivo fiscal, o cinema nacional ressurgiu. O que se percebe, no entanto, é certo preconceito em relação ao cinema nacional, fato esse observado na atualidade, visto que a produção brasileira foi por muito tempo considerada como de baixa qualidade.

Na educação, o percurso do uso de filmes como recursos pedagógicos começa a partir da segunda Guerra Mundial e percorre caminhos instáveis, geralmente sendo exploradas somente a temática apresentada, tendo o professor como a figura do explicador, refletindo a prática instituída nas escolas de ele ser o detentor do saber. Entende-se, porém, que esse fazer pode ser diferenciado. Metz (apud DUARTE, 2009, p.86), um dos pais da análise descritiva de imagens fílimicas, entende que filmes podem ser analisados como textos “fracionando suas estruturas de significação e

reorganizando-as novamente segundo critérios previamente estabelecidos, de acordo com os objetivos que se quer atingir”. Isso porque o filme faz parte de algo maior, o cinema,

um aparato multidimensional que engloba fatos que vêm antes, depois ou por fora do filme, como a infraestrutura de produção, o sistema de financiamento, a seleção de equipes técnicas e de atores, tecnologia de aparelhos, estúdios, biografias de cineastas, contexto sociocultural, montagem, lançamento, reação de espectadores e crítica, etc.

Fresquet (2007) aponta, baseada no Dicionário Teórico e Crítico do Cinema, várias maneiras sugeridas por seus autores, de entender o cinema. O cinema como substituto do olhar pode ser a abordagem mais antiga e clássica, “permite-nos imaginar as possibilidades que temos de conhecer outras culturas, outras ideias, outras formas de ver o mundo [...] olhar outros tempos, outros lugares; olhar ou quase pensar e sentir como outros pensam e sentem a vida” (FRESQUET, 2007, p.38 e 39). O cinema pode ser concebido como arte do espaço, do tempo, da narrativa, da descrição, do diálogo, da música, da dança, da postura escultural, do desenho e da cor; e sua riqueza consiste em distanciar-se da reprodução da realidade.

O cinema como linguagem surgiu como uma metáfora, já que há em comum com a linguística, estruturas profundas de linguagem e de intersubjetividade. Ele também pode ser comparado à escrita, como um processo que pressupõe dois outros, lembrar e inventar. A experiência estética remete às emoções e aos sentimentos que advêm da experiência frente a um filme, transcende o momento presente e o passado e nos fazem “pensar, sentir e pré-sentir o futuro” (FRESQUET, 2007, p.46).

Duarte⁴ aponta a importância da experiência cinematográfica na escola como a possibilidade de o sujeito desenvolver o seu cinema, ao que denomina o cinema de cada um, “a sensibilidade para o cinema que cada um de nós desenvolve, a seu modo e a seu tempo, depois de algum tempo de imersão no universo cinematográfico”. Para ela, cada indivíduo é afetado de maneira diferente e modifica tanto a racionalidade quanto a sensibilidade. Em relação a isso, pode-se refletir em quanto a afetividade e a cognição estão interligados e como os laços afetivos podem ser estimulados e estreitados a partir de práticas diferenciadas em sala de aula.

Pode-se pensar o cinema, ainda, como uma “máquina de produzir pensamentos”, de transcender o possível e o imaginário, medos sensações e sonhos, em um exercício de imaginação único, em um verbo que tem “como sujeito a mente, o coração, a memória, os sentidos, pensando ideias, cores, costumes, cheiros, sentimentos, vivências, [...]” (FRESQUET, 2007, p.45).

O cinema moderno, portanto, além de produzir, pode modificar, entre outras coisas, o pensamento, que passa a ser imanente à imagem, “abandona a ação e vai ao encontro de um novo psiquismo” (VASCONCELOS, 2008, p.159)⁵. Os filmes deixaram de ser meramente uma associação de imagens e invadiram a seara do pensamento. Ao analisar a obra de Jean-Luc Godard, Deleuze aponta que esse diretor inseriu no cinema procedimentos que modificaram significativamente o modo de fazê-lo e de pensá-lo. Godard teria, por exemplo, se utilizado de textos, discursos, fragmentos de ensaios, poemas e romances, que são citados em seus filmes. Ele também estabelece por sua sintaxe cinematográfica a arte de mostrar o que há entre as imagens, tirando o foco da imagem em si. Por fim, o cineasta estabeleceu uma disjunção entre imagem e som. Em função dessas características da obra de Godard, segundo Vasconcelos (2008), pode-se pensar em estabelecer uma pedagogia da imagem, a fim de promover o pensamento, “como se o cinema pudesse despertar o pensador que estaria adormecido em todos nós” (DELEUZE apud VASCONCELOS, 2008, p.156).

Portanto, diante de tão vasta gama de possibilidades, cabe aos educadores se aprofundarem a fim de propor novas maneiras de se utilizar o cinema e todos os processos envolvidos em sua produção\edição em uma nova perspectiva, ampliando o seu próprio conhecimento, possibilitando aos seus educandos a inserção por um novo caminho, que o envolva de maneira significativa em um processo de construção de fato de seu repertório, de seu gosto pela arte, entre outras possibilidades.

3. O CINEMA NA EDUCAÇÃO

A globalização é um dos fatores que produziram mudanças de comportamento, sobretudo nos adolescentes e jovens. Segundo Veen e Vraking (2009), o mundo se

5 Revista Educação e Realidade. v.33, n.1, 2008. In: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6692/4005>. Acesso em: 27.10.2013

modifica econômico e socialmente em alta velocidade, por meio dos efeitos das tecnologias. A sua presença no dia a dia dos jovens atualmente tem produzido um novo perfil e um novo comportamento que se reflete diretamente na educação formal e no convívio em sala de aula. Venn e Vraking (2009, p.12) descrevem as características desse novo aluno e o denominam como *Homo Zappiens*, ou seja, “um processador ativo de informação”, que resolve habilmente os problemas difíceis, e considera a escola uma instituição desconectada do mundo, um local aonde ele vai para encontrar-se com sua turma.

O que se depreende desse contexto é uma escola metodologicamente defasada. Pelo contato com a arte cinematográfica, propõe-se uma aproximação entre a realidade desse aluno e a educação formal, uma redução da distância entre o que os autores acima citados chamam de escola analógica em contraponto ao aluno que é digital, e uma conexão entre a realidade de cada um e o mundo cinematográfico.

Propõe-se, então, uma nova abordagem, visto que, quando as pessoas se envolvem em tarefas de produção com atividades que de fato as atraem, que de alguma maneira fazem sentido para elas, certamente há resultado satisfatório. De acordo com Gaiarsa (2008, p.31), o cérebro não é um intelectual que apenas ouve e compreende palavras, mas está atento a tudo que o cerca; não armazena palavras isoladas de contexto, mas guarda personagens em ação: atores inteiros em situações inteiras. Segundo ele, o cérebro guarda tudo que a pessoa experimenta, vive, percebe, ao que e como responde, porém, em nossa inocência - ou nossa inconsciência – seguimos acreditando que a palavra disse tudo (GAIARSA, 2008).

Para o autor, a humanidade evoluiu intensamente após a liberação das mãos. Com a observação do olhar e com a habilidade das mãos foi possível transformar, além de perceber as coisas. Assim, há que se repensar a educação, a noção comum de que inteligência tem a ver com palavras e compreender que, somente com mãos e com o olhar, haverá realmente a possibilidade de desenvolver a inteligência e de se exercitar a criatividade, pois só compreendemos o que fazemos enquanto fazemos (GAIARSA, 2008).

A linguagem pode ser entendida como uma forma de interação social. Com a inclusão da imagem em práticas escolares, pode-se promover a interação em um nível que envolva de uma forma efetiva os vários sentidos. Assim, textos e filmes produzidos para contexto extraescolar podem ser discutidos a fim de embasar a produção em classe e, a partir desse contato contínuo com a linguagem, o estudante pode ser capaz de

expressar sentimentos, experiências, ideias e opiniões. Também, aprende a ouvir, a interpretar e a considerar a opinião daqueles a sua volta, respeitando-as e contrapondo-se quando preciso.

Ao produzir os vídeos, o processo possibilita ao professor promover a reflexão sobre a língua, propiciando não a memorização de regras e usos, mas a expansão de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica. Por fim, a prática de linguagem adquirida na produção dos vídeos e na análise fílmica permite a possibilidade de analisar o uso da linguagem, sabendo que esta pode ser veículo de valores e de preconceitos sociais.

Para Deleuze, com o cinema, pode-se “buscar revelar justamente todo o sentido que habita a imagem”, podendo ser considerado uma pedagogia porque há algo a ser ensinado e porque “há a possibilidade de um pensamento sobre o ensinar em relação a toda e qualquer imagem” (VASCONCELOS, 2008, p.164).

Bergala (2007), no entanto, adverte que, para se aproximar cinema e escola, deve-se tratá-lo como um bom objeto de arte, como obras de arte e cultura. Os filmes são, muitas vezes, carregados de ideologias, podem trazer em seus roteiros valores negativos, como apologia à violência, racismo e sexismo. Para ele, há um único motivo para se introduzir o cinema nas escolas: “em arte, a prioridade é aprender a amar”⁶ (BERGALA, 2007, p.58).

Assim, é papel da educação organizar a possibilidade de encontro com os filmes e, dos educadores, permitir-se ser um educador ‘passador’⁷, “alguém que dá algo de si mesmo, que acompanha na barca ou pela montanha aquele a quem deve fazer passar, que corre os mesmos riscos que aqueles que estão provisoriamente sob sua responsabilidade” (BERGALA, 2007, p. 47,48), que pretende conduzir seus alunos voluntariamente por caminhos apartados dos instituídos para sua função. Ao fazer isso, o professor estabelece um relacionamento diferenciado com seus alunos, a partir de um lugar menos seguro. Também poderá conduzir seus alunos a uma leitura criativa, além da analítica e crítica, relacionando as diferentes manifestações artísticas e, por fim, tecer laços entre obras do presente e do passado, alguns fios condutores nos quais as obras se encadeiam (BERGALA, 2007).

6 Tradução nossa.

7 Tradução nossa.

Cinema e educação é uma possibilidade recente, percurso esse que será aprofundado posteriormente neste trabalho.

3.1. O cinema no espaço escolar

Bergala (2007) aponta alguns aspectos referentes às dificuldades de se propor o encontro da arte cinematográfica na escola. Este autor sugere que se distancie da ideia de que somente professores de arte o possam fazer, mas propõe antes que todos o façam. Ele distingue a educação artística do ensino artístico, sobretudo no sentido de que se faça arte na escola como “um germe de anarquia, escândalo e desordem”⁸ (BERGALA, 2007, p.33), que seja uma experiência de outra natureza e não de uma disciplina em específico, tanto para alunos como para professores, a fim de que se semeie desconcerto na instituição.

Também, com o cinema, é possível proporcionar ao espectador o contato com a diversidade da linguagem cinematográfica, técnicas de filmagens, gêneros inúmeros. Um aspecto fundamental, no entanto, é a possibilidade de se percorrer o mundo interior, atemporal, subjetivo, em um processo de identificação provocado por técnicas sinestésicas, uma viagem no tempo rumo às experiências vividas, promovendo uma introspecção, conforme Morin (1983) explica, pelos planos, pelas câmeras lentas, pela fotografia, que se excede em sombras e luzes, atração da cor, música, movimento. Assim, o filme é considerado uma “simbiose: um sistema que tende a integrar o espectador no fluxo do filme [...] o fluxo do filme no fluxo psíquico do espectador” (MORIN, 1983, p. 161).

E continua

o filme é detentor de algo equivalente a um condensador ou a um agente de participação que lhe mime com antecedência os efeitos. Na medida, pois, em que ele executa, por conta do espectador, toda a parte de um trabalho psíquico, dá-lhe satisfação, com um mínimo de despesa. Faz uma máquina de sentir auxiliar. Motoriza a participação. É uma máquina de projeção-identificação. (MORIN, 1983, p.161)

Encontra-se nos PCNs a orientação de se trabalhar com os temas transversais, entendidos como aqueles que possibilitam estabelecer, na prática, “uma relação entre

aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados” (PCNs, 1997)⁹. De acordo com esse documento, “a perspectiva transversal aponta uma transformação da prática pedagógica, pois rompe a limitação da atuação dos professores às atividades formais e amplia a sua responsabilidade com a formação dos alunos” (PCNs, 1997, p.30), abarcando as relações entre os alunos, entre professores e alunos e entre diferentes membros da comunidade escolar; permeando necessariamente toda a prática educativa.

Em relação ao momento em que o cinema passa a compor as práticas educativas, Christofolletti (2009) informa que a disseminação do cinema nas escolas deu-se com a invenção dos videocassetes, o que no Brasil aconteceu a partir de 1982. O surgimento da tecnologia de gravação de audiovisuais e sua reprodução transformou o cinema “em uma mídia praticamente onipresente” (Christofolletti, 2009, p.604). A partir desse evento, os filmes passam a ser usados como suporte pedagógico por professores que perceberam neles a possibilidade de trabalhar conteúdos de uma forma mais atraente.

Para o autor, “uma revisão da literatura brasileira sobre as intersecções entre cinema e educação ainda encontra obras de dois calibres: manuais didáticos [...] e relatos de trajetórias de projetos acadêmicos envolvendo cinema e leituras de obras fílmicas”. Fischer (2007, p. 298 apud CHRISTOFOLETTI, 2009, p.607) argumenta que “talvez uma ampliação dos trabalhos pedagógicos mais revolucionários seja o que se refere a uma ampliação do repertório de professores, crianças e adolescentes, em matéria de cinema, televisão, literatura, teatro, artes plásticas e música”, permitindo que se eduque o olhar, o ouvir, a alma para se formar pensamento crítico, se crie um saber-fazer e um pesar diferenciado sobre o presente em que vivemos. E a escola é o lugar onde há essa possibilidade.

Há ainda certo preconceito em relação à utilização de filmes em sala de aula, tanto por parte de pais como por parte de professores. A imagem de um substituto ao trabalho do professor ainda é presente, uma vez que essa prática ainda é comum nas escolas. O momento da formação continuada, a inserção dos professores em cursos que os instrumentalize e os conduza a algo diferenciado pode ser um caminho possível para que se visualizem mudanças nas escolas em relação ao uso do cinema. Não se pode permitir passar um momento tão importante na vida de jovens para que encontrem na

sétima arte o encantamento por um processo único, onírico, ilimitado em possibilidades como é a criação cinematográfica.

3.2 O Cinema na Escola – Trabalhos Correlatos

O cinema tem permeado as práticas pedagógicas em diversos países. Serão apresentadas algumas experiências desenvolvidas que têm como objetivo inserir a arte cinematográfica na Educação Básica. O projeto “*Cinema en curs*”¹⁰ é uma iniciativa da Fundação *A Bao A Qu*, que propõe em Barcelona, na Espanha, uma exploração cinematográfica de exposições, oficinas associadas a festivais de cinema e projeto de criação de cinema. É também desenvolvido em Córdoba, Argentina, desde 2010¹¹. Além disso, propõe formação a professores e educadores para instrumentalizá-los. Neste projeto, a arte é abordada como processo criativo, como um lugar para aventurar-se, em dois momentos, o da criação e o da contemplação de outras obras feitas por grandes criadores. O projeto iniciou com o desejo de que as crianças descobrissem o cinema e com a vontade de explorar as potências pedagógicas de sua criação. Como orientação, foram estabelecidos três procedimentos básicos: a presença na aula de um profissional do mundo do cinema para dar aulas junto aos professores regulares; a inserção de distintos centros educativos de acordo com o contexto social dos alunos e localização geográfica e a elaboração de materiais pedagógicos e práticas comuns para todos os alunos envolvidos (AILDEMAN e COLELI, 2011).

No Brasil, o Projeto “Cinema para Aprender e Desaprender” (CINEAD) faz parte do Laboratório de Imaginário Social e Educação (LISE) vinculado ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tem como proposta a realização de atividades de pesquisa acadêmica e de extensão universitária e produção cultural, bem como o objetivo de pesquisar experiências de aprender e desaprender cinema com professores, crianças e adolescentes. É desenvolvido em três modalidades: pesquisa de filmes que abordem a temática da infância e da adolescência; pesquisa da experiência com crianças debatendo filmes sobre infância e adolescência com alunos do Colégio de Aplicação (CAp/UFRJ)

¹⁰ Curso de cinema. In: <http://www.cinemaencurs.org/en/>. Acesso em 30.11

¹¹ In: <http://abaoaqu.org/projecte/cinema-en-curs>. Acesso em 17.11.2013

e pesquisa de crianças e adolescentes alunos do CAP/UFRJ com a produção de filmes como autores e atores (FRESQUET, 2007b).

Como proposta, está o aprender em três tempos, assim entendido: aprender, desaprender e reaprender, e dialoga com algumas teorias do cinema, em uma concepção dessa arte como substituta “do olhar, como arte, como linguagem, como escrita, como pensamento e manifestação dos sentimentos e simbolização do desejo” (AUMONT e MARIE, 2003 apud FRESQUET, 2007, p.23). Apresenta em seus objetivos, entre outros, pesquisar as possibilidades de aprender e desaprender de uma maneira geral com o cinema e em específico, assistindo e debatendo com professores e alunos; compreender a ideia de infância e de adolescência na contemporaneidade, principalmente no cinema brasileiro; estudar teorias de cinema e linguagem cinematográfica; desenvolver conhecimentos teóricos na área de cinema; pesquisar o conceito de aprender, em três tempos; possibilitar aos jovens a construção de um olhar cinematográfico e a produção cultural, fazendo cinema; possibilitar uma nova educação e aprendizagem estética com sensibilização intelectual pelo cinema.

Com perspectiva semelhante, desenvolve-se o “Cinema na Escola: Processo e Produto”, em Santa Maria, projeto esse que será apresentado a seguir.

4. O CINEMA NA ESCOLA: PROCESSO E PRODUTO

O projeto “Cinema na Escola: Processo e Produto”, que acontece na EMEF Profª Francisca Weinmann, em Santa Maria – RS, teve início no ano de 2012 e faz parte da disciplina de Língua Portuguesa. Assim, é desenvolvido continuamente, desde essa data, com cerca de oitenta alunos matriculados em turmas do 6º a 9º ano do Ensino Fundamental, em idade entre 12 e 16 anos. As aulas de cinema são ministradas no turno, inseridas em aulas de Língua Portuguesa e, uma vez por semana, no turno inverso, onde os alunos participam voluntariamente.

Organizou-se um planejamento com aulas semanais, intercalando aulas teóricas, projeção de filmes pré-selecionados, discussões e realização de atividades sobre esses filmes, com aulas de análise do processo de produção e, posteriormente, com a possibilidade de se fazer um ‘produto’. Para a realização do projeto, selecionou-se material teórico e produziu-se uma apostila a fim de sistematizar o conhecimento

referente à área de estudo, como a linguagem cinematográfica, planos de filmagem, orientações sobre criação de roteiro, iluminação, som, entre outros aspectos.

O objetivo geral do projeto é promover o encontro dos alunos, no espaço escolar, com o cinema enquanto arte. Como pano de fundo, se promove o ensino de Língua Portuguesa, pela produção textual, pela argumentação, com a análise de imagens e de elementos que pertencem ao universo e linguagem cinematográficos. Ainda apresentam-se as características de diferentes gêneros cinematográficos: ficção científica, comédia, terror, aventura, drama, animação, documentário, entre outros e busca-se incluir os alunos no universo digital, auxiliando-os a usar programas de edição de textos e de filmes.

Como objetivos específicos, busca-se envolver o aluno em leitura e produção textual, especificamente de gêneros inseridos no contexto cinematográfico (roteiro, crítica de cinema, resumo e sinopse); nas produções textuais, procura-se detectar possíveis problemas de coerência e coesão textuais, além dos possíveis problemas ortográficos e de concordância. Nas produções audiovisuais, procura-se abordar problemas de postura de voz, de colocações linguísticas, variações de uso da língua, linguagem coloquial e norma culta. Basicamente são produzidos e lidos, além dos filmes, textos que fazem parte do objeto principal deste projeto, o cinema, procurando-se detectar possíveis problemas de coerência e coesão textuais, além dos possíveis problemas ortográficos e de concordância a fim de dirimi-los.

Como a proposta de se trabalhar o cinema na escola é permitir o contato com a arte, não se tem a pretensão de desenvolver conteúdos como principal objetivo, no entanto, nas produções, são diagnosticados os problemas de escrita, quando os alunos recebem as orientações necessárias para sanar suas dificuldades.

Em um movimento excêntrico, pretende-se apresentar à comunidade atividades desenvolvidas na escola, por meio de Mostra de Cinema e incentivá-la a participar de projetos e mostras cinematográficas, propiciando a oportunidade de interagir com demais estudantes envolvidos em projetos semelhantes, fora do contexto escolar. Criou-se como meio de divulgação, o *blog* denominado “O Confabulário”¹², onde são postados textos, comentários e notícias sobre o projeto.

12 Disponível em: www.oconfabulario.blogspot.com.br

Ainda, com as práticas desenvolvidas, se pretende promover a união do grupo e reforçar valores como responsabilidade e respeito; permitindo a inclusão social e a socialização entre os pares, sujeitos envolvidos no processo.

4.1 Processo

As aulas sobre cinema são desenvolvidas no Laboratório de Informática, com a presença e apoio da professora responsável por esse espaço. Há períodos de análise dos filmes, de discussões sobre eles e sobre elementos cinematográficos e há momentos de criação. Durante as aulas, navega-se pelos sites considerados necessários para contextualizar o trabalho. Nessa etapa, os alunos podem compreender a estrutura dos filmes e de sua linguagem. Também se cria uma atmosfera de *hiperlink*, em que se exploram outras possibilidades, como pintura, música, tradução, curiosidades sobre as filmagens ou outros elementos considerados importantes para enriquecer as discussões. Neste ano, além das produções, o projeto foi reformulado e direcionado para a análise fílmica. Foram assistidos durante o ano alguns filmes com propósitos específicos. “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, com a finalidade de se observar o início do cinema, bem como suas características. “Saneamento Básico” para melhor se compreender a produção e criação de roteiro, “A invenção de Hugo Cabret”, porque apresenta a história de George Méliès, um dos primeiros a produzir cinema no mundo. O filme “Olga”, como produção brasileira, “Diários de um motociclista”, como produção argentina, “As Aventuras de Pi”, a fim de se compreender efeitos especiais, além de muitas curtas metragens, como “O Sabiá”, “Traz outro amigo também”, entre outros.

4.2 Produto

A produção dos filmes é parte extremamente importante do projeto. A proposta de construção de roteiros é uma forma de promover interação. Da experiência dos alunos surgem as ideias para compô-los. Sempre são feitos de maneira coletiva, embora, se quiserem, podem produzir roteiros individuais, que são igualmente valorizados. Em um processo de *brainstorm*, registra-se tudo o que é sugerido no quadro-negro, enquanto um aluno é designado para ser aquele que registra no papel, com apontamentos iniciais que são aprimorados posteriormente. Após sua elaboração,

fazem-se cronogramas para filmagens e busca de locações. A participação como atores é voluntária, respeitando-se a vontade de cada um. Após as filmagens, os alunos buscam trilhas sonoras e discutem a edição. Para a produção, recebem formação a respeito do uso de câmeras e da edição dos vídeos no programa *Windows Movie Maker*, a fim de que possam eles mesmos ser sujeitos produtores de seus vídeos.

4.3 Formação

Para instrumentalizar o trabalho, buscou-se formação. A Secretaria do Município de Santa Maria ofereceu, por meio do GEPEIS CINEMA, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), formação aos professores da rede: “A vida e o cinema da formação de professores”, durante o ano de 2012, tendo continuidade em 2013. O curso em 2012 teve duração de 60 horas e dividiu-se em dois módulos: “O cinema na vida do professor: vivências e histórias pessoais” e “O cinema em sala de aula: práticas docentes e sala de aula”. Também há a participação no projeto do mesmo grupo “Em tempos de formação, o cinema, a vida e o cuidado de si: exercícios autobiográficos e coletivos na atividade escolar”.

O ingresso no curso de especialização em Mídias na Educação, na UFSM e a realização do curso “Ensinando e aprendendo com TIC”, promovido pelo Núcleo de Tecnologias do Município, ambos em 2012 também advieram da necessidade de se buscar formação específica para o desenvolvimento do projeto na escola. Com a especialização, foi possível o preparo de atividades interativas para o projeto, como *webquests*, a criação do *blog*, em que foram registradas as atividades e participações em eventos dos alunos, bem como a ampliação do conhecimento a respeito das possibilidades de uso dessas mídias em educação.

A formação mudou, durante a execução, a forma de ver e de interagir dos sujeitos envolvidos no projeto. Aquilo que era feito de maneira intuitiva passou a ser feito com embasamento teórico. Por meio dela, tem sido criadas oportunidades imensuráveis: novos contatos, novos eventos, novos saberes, novas emoções; usando a figura da viagem, tem sido possível ir a muitos lugares antes não pensados.

4.4 Participação em Eventos

Como perspectiva, tem-se a possibilidade de interação com alunos de outras escolas, outras cidades e países que desenvolvem projetos semelhantes. O produto do trabalho cinematográfico e imagético é direcionado à participação de Mostras Culturais Cinematográficas, o que também permite aos alunos uma oportunidade única, a do compartilhamento de experiências fora do contexto escolar.

Em 2012, o projeto foi direcionado para oficinas de prevenção de *bullying* na escola com o 8º ano e prevenção ao uso de álcool e drogas na adolescência com o 9º ano. Nesse ano, o projeto foi realizado no turno, durante as aulas de Língua Portuguesa. O primeiro vídeo feito foi montado a partir de discussões e relatos de experiências dos alunos em sala de aula sobre o tema, com o título: *Bullying, é possível evitá-lo?* O segundo filme, chamado “Se liga na vida”, participou do Projeto Curto a Vida não Curto Álcool, sendo premiado com o primeiro lugar em sua categoria. A produção contou com a participação de toda a turma do 9º ano, tanto na construção do roteiro como nas gravações.

No ano de 2013, o projeto foi premiado com o “Prêmio Paulo Freire de Talentos em Educação”, organizado pela Câmara Municipal de Santa Maria com o primeiro lugar categoria Ensino Fundamental. Foram produzidos dois curtas metragens. Com o 8º ano, produziu-se “Tempos Muito Modernos, sqn”, filme enviado ao Festival Primeiro Filme¹³, em Porto Alegre, organizado pela Produtora Prana Filmes. Com esse filme, recebeu-se a indicação na categoria de “Melhor Atriz” e, ainda recebeu-se o troféu na categoria “Melhor Direção de Arte” no Cinest¹⁴, festival de cinema estudantil realizado em Santa Maria, RS, pela ONG Piaquito¹⁵.

O roteiro foi construído com a participação de todos os alunos, que escolheram quais papéis fariam. As locações foram definidas em grupo. Optou-se pela Vila Belga, em Santa Maria, pela Praça Saldanha Marinho e por Val de Buia, localidade próxima da cidade de grande beleza para a fotografia do filme. As filmagens foram feitas com pequenos grupos por não haver transporte disponível a todos.

O segundo filme, “Tá feliz?” foi realizado da mesma forma que o primeiro, porém participaram os alunos do 9º ano. O filme igualmente recebeu o primeiro lugar no projeto Curto a Vida, não curto o Álcool, edição 2013, da Câmara de Vereadores de Santa Maria.

13 In: <http://www.primeirofilme.com.br/site/>. Acesso em 26.10.2013

14 In: <http://www.cinest.org/>. Acesso em 26.10.1967

15 In: <http://www.cinest.org/>. Acesso em: 22.11.2013

4.5 Avaliação de Resultados

Para avaliar a dimensão do alcance do projeto, foi disponibilizado aos alunos questionamentos sobre sua participação. Perguntou-se a eles o que é cinema e o que é o projeto em sua percepção. Para a primeira pergunta, obteve-se da aluna R. R. R. (8º ano) que cinema é “VIDA, sempre quis fazer...”. A. A. S. (8º ano) respondeu que é “Uma atividade de talentos que eu sei que todas nós temos...”. L. M. S. (9º ano) apontou que cinema “É alegria, me traz diversão, conhecimento, e eu adoro contracenar nos filmes, me traz muita paz de espírito.”, enquanto A. S. B. (6º ano) escreveu que é “Uma coisa interessante que foge da rotina de apenas copiar, e que nos estimula a dizer nossas ideias e ver ‘elas’ se tornando importante.” G. O. S. (6º ano) relatou que “É um lugar onde eu tenho opinião...” e G. C. V. (7º ano) disse que é “Aprender coisas novas, se modernizar com várias culturas e línguas diferentes. O cinema é ser livre para criar, olhar e aprender”.

Quando questionados sobre o que o projeto “Cinema na Escola” é para cada um, M. G. M. (7º ano) escreveu que “É um ensinamento melhor das coisas, das atitudes de cada um. Eu gosto muito desse projeto porque eu aprendi muitas coisas que vou levar para a vida toda. Coisas: eu aprendi a gostar de filmes que eu não gostava, eu também aprendi a falar o que eu sinto através dos filmes e dos conselhos dos meus colegas.” G.C.V. (7º ano) observou que “...o projeto da escola é bem interessante, aprender a fazer roteiro e aprender um monte de coisas, não tem como explicar, o projeto é 10!!!” C. F. C. (6º ano) ressaltou que é “Uma forma diferente de ver as coisas, ver o filme e desenvolver um senso crítico, e de ver coisas e detalhes em um filme que antes não se via.” Para G.O.S. (6º ano), é “Um lugar que eu gosto de vir, um lugar agradável.” A. S. B. (6º ano) destacou que é “Um modo de expressar minhas ideias e de vê-las se tornarem filmes. E de ver diversos tipos de filmes.”. Para L. M. S.(9º ano), é “Conhecimento geral de histórias que nunca eu tinha ouvido e adorei saber...” e para A. A. S. (8º ano)“...é um sonho muito divertido e talentoso!

O projeto durante este ano foi conquistando seu espaço na escola. Uma prática muitas vezes vista com certa desconfiança por colegas e direção foi, pelos excelentes resultados, sendo respeitado dentro da comunidade escolar e fora dela. Em relação aos alunos, há por parte da maioria um encantamento com tudo o que é proposto no projeto. Demonstram interesse, buscam contribuir, se esforçam no sentido de produzir da melhor

maneira, se dispõem a sair dos muros da escola, ocasionando, às vezes dificuldades. Há momentos em que não divulgamos a saída para locações por não poder transportá-los todos.

As respostas obtidas retratam de maneira clara a satisfação deles em participar de algo inovador. Não foram obrigados a responder, deixei-os fazer com liberdade, todos os que responderam o fizeram de maneira positiva. A presença nas aulas de cinema também não é obrigatória no turno inverso, mas eles comparecem sem muito convite. Nas aulas do turno solicitam que se trabalhe o cinema, pois há alguns impossibilitados de virem no horário em que o projeto acontece, pela manhã. Dos demais alunos da escola matriculados regularmente no Ensino Fundamental, alunos da disciplina de Língua Portuguesa, em nenhum momento houve um comentário sequer depreciativo.

A educação, no meu olhar, não é transmissão de conhecimento, assim, deve-se mediar, compartilhar, construir. Bergala¹⁶ (2007, p.47,48) emprega, em sua “hipótese de cinema na escola”, a palavra “passador”, ao que explica ser “alguém que dá algo de si mesmo, que acompanha na barca ou pela montanha aquele a quem deve fazer passar, que corre os mesmos riscos que aqueles que estão provisoriamente sob sua responsabilidade”. Nessa perspectiva deve-se deixar de lado a postura de ‘ensinante’ para “se colocar como acompanhante de uma jornada” (FRESQUET, 2011, p.28), aquele que trilha um caminho possivelmente conhecido, mas que se deixa surpreender ao passar novamente por ele. Assim, as experiências das quais se faz parte, tornam-se únicas. As mesmas emoções, o compartilhamento de momentos especiais, tanto como expectadores como produtores, fazem com que a relação entre professor e alunos se estreite e se formem laços fortes de amizade.

Pelas tecnologias possibilita-se a inclusão, não apenas de alunos com necessidades especiais, mas dos com dificuldades de aprendizagem e de sociabilidade. Há na escola, por exemplo, um grupo de alunos que receberam transferência compulsória de outras escolas por comportamento inadequado ou não adaptação. Eles se inseriram e se encontraram no projeto. Mudaram seu proceder na escola, criaram vínculos com equipe diretiva e professores, encontraram um sentido diferenciado na educação que lhes é proposta. Isso resultou em uma melhora, sobretudo, de

relacionamento, são inseridos no projeto e sentem-se incluídos no ambiente escolar, com melhor aceitação por parte de colegas e professores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O compromisso maior de um educador é primar pela formação humana dos sujeitos envolvidos no processo ensino/aprendizagem, ao entender que a formação formal hoje em dia pode ser encontrada em qualquer *site* da rede mundial de computadores. O importante é despertar no aluno o interesse, então, efetivamente a aprendizagem acontecerá.

Com uma proposta de prática diferenciada, com utilização de ferramentas pedagógicas que fazem parte do ser/viver do aluno, é possível aproximá-lo e envolvê-lo em construções significativas. Também, outras inúmeras possibilidades surgem do encontro com a arte na escola. Uma formação cultural, artística, formação para além do momento escolar, vivências múltiplas com o outro e consigo mesmo, possibilidade de inclusão social, digital e de alunos com dificuldades de aprendizagem, entre tantas outras.

Não só é possível esse fazer diferenciado, como se faz necessário buscar atualmente maneiras de se envolver os jovens em atividades que se aproximam da sua vivência diária com as mídias e com as imagens. Há muito a superar, dificuldades como a falta de técnicas apuradas de cinema, o que seria suprido com a presença de profissionais da área na escola, dominar programas de edição, aquisição de equipamento adequado, figurinos, disponibilidade de transporte, o que certamente qualificaria o produto, mas por outro lado talvez trouxesse ao projeto um caráter profissional, o que não é a proposta. Cabe registrar que a gestão atual da escola apoia incondicionalmente o projeto, o que colabora também para seu sucesso. Tem-se procurado agregar outras pessoas e experiências. As possibilidades para o projeto são muitas e promissoras. Com cada experiência e formação dão-se pequenos passos em busca da excelência, da redução da distância que há entre o que está estabelecido como regra para o ensino e prática nas escolas e a realidade dos jovens.

Como perspectivas, as possibilidades são muitas. Estender o projeto de cinema às séries iniciais e educação infantil, oferecer oficinas com profissionais de cinema na escola a fim de se melhorar os filmes produzidos, tecnicamente, como oficinas de

edição, técnicas de animação e *stop motion*, propor o intercâmbio de projetos com outras escolas no município e com outros profissionais de educação que trabalham cinema. Já foi proporcionada essa experiência e considerou-se de extrema relevância. Além disso, via UFSM e grupo GEPEIS, pretende-se buscar juntos aos projetos citados, CINEAD e *Cinema en curs*, uma aproximação de práticas entre os que entendem ser possível uma nova prática em relação ao cinema nas escolas.

Das percepções apresentadas pelos alunos envolvidos no projeto e da observação de participações em oficinas onde ele fora apresentado, percebe-se o fascínio que a arte cinematográfica exerce sobre seu público. Por que não inserir nas escolas ferramenta de tão grande aceitação entre os públicos de diferentes idades? É possível promover um encontro entre cinema e educação, um encontro agradável, que além de inserir a arte na escola, promove a inserção dos jovens ao universo da arte cinematográfica.

REFERÊNCIAS

BERGALA, A. **La hipótesis del cine**. Tradução Nuria Aidelman e Laia Collel. Barcelona, Laertes S.A.: 2007.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 146p.** In: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>

CHRISTOFOLETTI, R. **Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação?** In: Dossiê: Imaginário e Educação. Revista do Centro de Educação, v.34, n.3. UFSM: 1982

DUARTE, R. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora , 2009.

_____. O cinema de cada um. Disponível em:
<<http://cineclubesmerj.blogspot.com.br/p/texto.html>>

FRESQUET, A. **Cinema e experiência: um possível encontro com a nossa infância (e juventude)**. In: *Imagens do desaprender*. Rio de Janeiro: Booklink: 2007.

_____. **Cinema para aprender e desaprender**. In: FRESQUET, Adriana (org). *Imagens do Desaprender: Uma experiência de aprender com o cinema*. Rio de Janeiro, Booklink, 2007b.

_____. **Dossiê cinema e educação: uma relação sob a hipótese da alteridade.**
In: FRESQUET, Adriana (org). Dossiê cinema e educação #2. Rio de Janeiro, Booklink, 2011.

GAIARSA, J.A. **Educação familiar e escolar para o terceiro milênio.** São Paulo: Ágora, 2008.

MORIN, E. **A alma do cinema.** In: A Experiência do Cinema, org. por Ismail Xavier. Rio de Janeiro: Editora Graal/Embrafilme, 1983.

AILDEMAN, N. e COLELI, L. In: FRESQUET, Adriana (org). Dossiê cinema e educação #2. Rio de Janeiro, Booklink, 2011.

VEEN, W. e VRAKKING, B. **Homo Zappiens educando na era digital.** Tradução Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.